



LUGAR DE NEGRAS: a representação das mulheres negras no audiovisual brasileiro¹

Rafaela NASCIMENTO²

Leila SOUSA³

Universidade Federal do Maranhão / UFMA

INTRODUÇÃO

A representação da mulher negra no cinema brasileiro não é apenas uma questão estética, mas um terreno de disputa política e simbólica. Ao longo da história da sétima arte no país, os corpos negros, sobretudo os femininos, foram posicionados dentro de uma lógica colonial que os aprisiona em estereótipos: a empregada submissa, a mulata sensual, a mulher forte que tudo suporta, mas que raramente sente, deseja ou sonha (Halperin, 2022).

Essa lógica imagética se conecta a um projeto maior de apagamento: a desumanização da negritude através da espetacularização da diferença, da invisibilização nas estruturas de poder e da apropriação estética sem compromisso político (Borges, 2022). Como ressalta Borges (2019, p.3), “a nossa época, o século XXI, está sendo marcada por embates na ordem do imaginário, por guerra de imagens e signos, por sede de representação e visibilidade”. Essa constatação evidencia a centralidade das imagens e dos signos nas disputas de poder e reconhecimento na sociedade atual.

No Brasil, iniciativas como o “Dogma Feijoada” surgem como resposta crítica a esse cenário, denunciando o embranquecimento do audiovisual e propondo diretrizes para um cinema negro comprometido com a ruptura das lógicas hegemônicas. O Dogma Feijoada foi um movimento que buscava construir um cinema negro brasileiro autêntico e de resistência, com abordagem provocativa. O movimento foi lançado por diretores e profissionais negros

¹Resumo expandido apresentado ao GT Pesquisa na Graduação, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).

² Estudante do curso de jornalismo UFMA/Imperatriz. Email: rafaela.vitoria@discente.ufma.br

³ Orientadora do trabalho. Professora de jornalismo e do PPGCOM/UFMA Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação. Email: sousa.leila@ufma.br

do audiovisual de São Paulo, no final da década de 1990, com o objetivo de ressignificar as imagens e representações do negro no cinema brasileiro, promovendo uma produção cinematográfica centrada na temática racial e na construção de um “cinema negro” brasileiro.

Este trabalho propõe a análise de “As Divas Negras no Cinema Negro Brasileiro” (1989), documentário dirigido por Vik Birbeck e Ras Aduato em 1989, é um marco na preservação da memória e da representatividade negra no audiovisual brasileiro. Produzido pela Enugbarijô Comunicações, o filme reúne entrevistas e performances de atrizes negras como Zezé Motta, Ruth de Souza, Léa Garcia, Zenaide Zen e Adele Fátima, além da participação da ativista Lélia Gonzalez. Essas mulheres relatam suas vidas, carreiras e as discriminações enfrentadas no meio artístico brasileiro, expondo as barreiras estruturais do racismo e da exclusão no cinema, no teatro e na televisão.

Tanto *Dogma Feijoadá* quanto *As Divas Negras no Cinema Negro Brasileiro* partem de uma urgência em confrontar o apagamento e a estereotipação de corpos negros no cinema brasileiro. Ambos os projetos se dedicam a revelar o protagonismo negro historicamente silenciado por meio da crítica direta à indústria cinematográfica. Esses dois projetos dialogam ao expor as contradições de uma produção cultural nacional que, embora marcada pela presença e influência negra, insiste em manter esse protagonismo às margens. Além disso, ambos utilizam o cinema como ferramenta política, de memória e resistência, revelando histórias que raramente ocupam espaço nos arquivos oficiais ou nas telas comerciais.

JUSTIFICATIVA

A proposta desta pesquisa, em desenvolvimento, parte de uma lacuna ainda pouco explorada na produção acadêmica brasileira: são raríssimos os estudos que articulam, de forma direta, a representação da mulher negra no cinema brasileiro com os referenciais teóricos do feminismo negro e da perspectiva decolonial. Para verificar a existência (ou ausência) desses diálogos, foi realizado um levantamento sistemático no Portal de Periódicos da CAPES, um dos maiores acervos científicos do país, utilizando as seguintes palavras: “mulher negra / mulheres negras” (28 resultados), “cinema brasileiro” (25), “representação” (21), “feminismo negro” (29) e “perspectiva decolonial” (18).

Os resultados evidenciam que, embora exista uma produção significativa em torno de temas como saúde da mulher negra, racismo institucional, autoestima, educação e

ativismo digital, a articulação entre raça, gênero, cinema e comunicação continua sendo exceção. Mesmo entre os artigos voltados ao cinema brasileiro, poucos discutem diretamente a presença e a representação da mulher negra como em Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro (Candido, 2019) ou Mulheres negras, religiosidades e protagonismos no cinema brasileiro (MONTORO, 2014)

Essa constatação reforça a originalidade da proposta: articular criticamente o cinema com os estudos de raça e gênero sob uma abordagem decolonial, com foco na figura da mulher negra. A pesquisa pretende contribuir para preencher essa lacuna teórica e metodológica, questionando como o cinema brasileiro inclusive em suas produções fora dos grandes centros tem moldado, apagado ou ressignificado a imagem da mulher negra.

Como alerta bell hooks (2019) em *Olhares Negros*, a luta por liberdade também envolve o controle das imagens quando explica que olhar criticamente é um ato político, especialmente para pessoas negras, e que desenvolver essa capacidade de análise das imagens é parte do exercício de resistência e liberdade; ou quando sustenta a ideia de que a luta política também se dá no campo das representações e que a agência de mulheres negras está diretamente ligada ao olhar e à produção de imagens.

Este estudo, portanto, se justifica não apenas por sua relevância analítica e originalidade temática, mas também pela sua contribuição crítica à produção de conhecimento antirracista e feminista no campo da comunicação e da cultura visual no Brasil. A importância do estudo também reside no reconhecimento de que o jornalismo, como área do conhecimento e prática social, precisa dialogar com os sistemas de representação que atravessam a mídia em sentido amplo, inclusive o audiovisual ficcional.

REFERENCIAL TEÓRICO

O audiovisual faz parte do consumo social desde a infância, seja como forma de entretenimento, seja como objeto de estudo. No entanto, nem sempre se compreende a profundidade com que seus discursos atravessam nossas experiências individuais e coletivas. Quando os primeiros contatos com o audiovisual ocorrem por meio de conteúdos que não dialogam com a realidade fenotípica de quem os consome, já se estabelece uma separação simbólica e identitária significativa. No documentário *I Am Not Your Negro* (2016), uma produção baseada nos escritos de James Baldwin e dirigida por Raoul Peck, é possível compreender de forma mais aprofundada essa questão. Baldwin reflete sobre como o racismo opera não apenas na violência física, mas, sobretudo, na construção subjetiva das

pessoas negras, afetando profundamente sua formação de identidade, sua percepção de mundo e seu senso de pertencimento.

Baldwin usa um exemplo cinematográfico: a criança negra torcendo pelo cowboy branco (Gary Cooper) contra os índios, sem perceber que, na lógica do sistema, os “índios” (os marginalizados, os oprimidos, os excluídos) são, na verdade, ela mesma. Outro exemplo relevante desse fenômeno é apresentado no trecho que explica como produtos de entretenimento intensificam a violência e a agressividade nas crianças, especialmente em sociedades coloniais. Segundo Fanon (2020), esses meios de comunicação infantil apresentam figuras associadas ao mal, como o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal e animais selvagens, muitas vezes representadas por negros ou indígenas. Assim, as crianças, ao se identificarem com esses personagens, reforçam uma dinâmica de conflito e de identificação. Fanon reforça:

As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas, e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias, os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco (Fanon, 2020, p. 161).

Ele continua a partir da afirmação de Gershon Legman ressaltando que, desde muito cedo, as crianças estão expostas a cenas de violência extrema, em histórias que contribuem para a construção de uma cultura de brutalidade. Essa exposição molda uma identidade coletiva marcada pela violência, que o autor denomina de "mito do Bad Injun" (o mau índio), configurando uma imagem negativa e estereotipada do indígena e do negro (Legman, 1946, apud Fanon, 2020, p. 161-162).

Sob esse viés, autores como Pires e Silva (2014) argumentam que o cinema opera diretamente na construção de um imaginário social, ao formar representações coletivas e afetar as percepções e valores partilhados por diferentes grupos sociais. Especialmente em sua vertente massificada, o cinema se consolida como um importante instrumento na criação de narrativas que reforçam interesses culturais e ideológicos dominantes. O cinema atua como agente de naturalização de determinadas representações, contribuindo para a consolidação de estereótipos e para a invisibilização de sujeitos subalternizados.

O foco da pesquisa é analisar a partir de uma perspectiva decolonial como a mulher negra tem sido representada no cinema brasileiro, com foco nas construções

simbólicas, sociais e culturais dessas representações. Essa perspectiva histórica permitirá estabelecer comparações com o contexto atual, identificando permanências, mudanças e tendências nas representações audiovisuais.

O estudo será desenvolvido em duas etapas principais. A primeira consiste no mapeamento/ identificação de obras cinematográficas consideradas marcos na trajetória da mulher negra no audiovisual brasileiro. O documentário *As Divas Negras do Cinema Brasileiro* (1989) será utilizado como ponto de partida para a identificação de atrizes precursoras, como Zezé Motta em *Xica da Silva* (1976) e Léa Garcia em *Orfeu Negro* (1959), entre outras que contribuíram significativamente para a construção de imagens da mulher negra no cinema nacional.

Na segunda etapa, a pesquisa se volta para a contemporaneidade, com a análise de filmes, curtas-metragens e séries recentes que apresentam personagens negras em papéis centrais ou que representem a mulher negra de forma não estereotipada. Especial atenção será dada a obras produzidas no Maranhão, buscando compreender como essas narrativas locais dialogam com as representações nacionais e como constroem sentidos sobre a mulher negra a partir de contextos regionais. O levantamento dessas produções audiovisuais maranhenses também permitirá analisar como essas representações visuais se articulam com a realidade local, ampliando a compreensão sobre os discursos contemporâneos em torno da mulher negra.

Dessa forma, após investigar e apresentar a história do cinema negro no Brasil, com ênfase na presença e nos padrões de representação da mulher negra ao longo do tempo, a pesquisa segue para a identificação de obras cinematográficas consideradas marcos na trajetória da mulher negra no audiovisual brasileiro. Em seguida, dedica-se à análise das representações da mulher negra em narrativas audiovisuais brasileiras e maranhenses, destacando a construção simbólica dessas personagens e observando como essas representações visuais se articulam com a realidade local, ampliando a compreensão sobre os discursos contemporâneos em torno da mulher negra.

REFERÊNCIAS

- HALPERIN, Paula. Rainha no cinema, empregada na TV: mito e trajetória artística de Zezé Motta, 1976-1984. In: CARVALHO, Noel dos Santos (org.). *Histórias da televisão e do cinema no Brasil*. Campinas: Papirus Editora, 2022. Cap. 7.
- BORGES, Rosane. Cinema, imagem e imaginário: por outros regimes de visibilidade das mulheres negras. In: CARVALHO, Noel dos Santos (org.). *Histórias da televisão e do cinema no Brasil*. Campinas: Papirus Editora, 2022. Cap. 5.
- CURIEL, Ochy. Ochy Curiel e o feminismo decolonial. Entrevista concedida a Ana Paula Procópio da

- Silva, Magali da Silva Almeida e Renata Gonçalves. *Em Pauta: Revista da Faculdade de Serviço Social da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 46, p. 269–277, 2º sem. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2020.52020>. Acesso em: 28 maio 2025.
- CARVALHO, Noel dos Santos (org.). *Cinema negro brasileiro*. Campinas: Papirus Editora, 2022.
- HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Tradução de Iran Ferreira de Melo. Londres: Sage, 2005.
- CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. *Dogma Feijoadá: a invenção do cinema negro brasileiro*. São Paulo: s. n., 2018.
- CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. Dogma Feijoadá: a invenção do cinema negro brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 96, p. 12-16, 2018.
- ROMÃO, Marcos. “As Divas Negras no Cinema Negro Brasileiro” e a “kineasta” inglesa Vik Birbeck: mais um resgate do Acervo Cultne. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 31 maio 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-divas-negras-no-cinema-negro-brasileiro-e-a-kineasta-inglesa-vik-birbeck/>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso. *Linha d’Água*, n. 25(2), p. 307-329, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- I AM NOT YOUR NEGRO. Direção: Raoul Peck. Produção: Rémi Grellety; Raoul Peck; Hébert Peck. Estados Unidos: Magnolia Pictures, 2016. 1 vídeo (93 min), son., color.
- LEGMAN, Gershon. Mito do Bad Injun, 1946. (Citado em: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 161-162).
- OLIVEIRA, Susilene Ferreira de et al. *Ruth de Souza: mulher negra e atriz*. 2013.
- PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sergio Luiz Pereira da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educação & Sociedade*, v. 35, p. 607-616, 2014.